

Histórias

O Diogo é um menino, agora com oito anos e mais de um nesta Casa do Gaiato de Paço de Sousa, o senior dos «Batatinhas», porventura, e por desventura..., o mais bebé deles todos. Morava no Porto, no Bairro do Viso, aonde o fui conhecer chamado por vizinhos, um deles assinante do nosso Jornal.

Morava com a mãe, com um tio prisioneiro da droga e uma irmã deficiente profunda. Do pai há muito se não sabe o paradeiro. Tampouco o conhecemos até hoje, que ele nunca apareceu nem perguntou pelo filho. Às noites, frequentemente, o pequenito deambulava pelas ruas gritando pela mãe, que tinha de sair à sua vida.

O nosso primeiro encontro foi na Escola aonde a

mãe me levou a vê-lo. Observei-o ainda na classe e pareceu-me sereno. Mas quando ele nos descobriu e veio ter connosco já o dominava a excitação e custou fazê-lo voltar à sala de aula.

Logo ali combinámos a vinda do Diogo, apesar do meu receio quanto à sua capacidade de adaptação. Porém ela não foi tão difícil quanto temi. No meio dos seus pequeninos companheiros, ele foi encontrando o seu lugar. E embora bastante nervoso e implicativo, manifestando a todo o momento a extraordinária carência que o torna, porventura, o mais bebé de todos, ele vai crescendo na estabilidade e segurança que agora tem e vai alimentando as nossas esperanças de um futuro melhor.

Pois há dias, fomos surpreendidos por uma nuvem negra que surgiu sobre o Diogo; surgiu inesperadamente sem qualquer sinal que a prenunciasse. Chegamos de Braga uma prima do pai, acompanhada por Técnica do IRS, com um documento passado pelo Tribunal de Menores mandando que lhe entregássemos o menino.

Claro que o não fizemos. Recebemo-lo da mãe, sem outra interferência senão a dos vizinhos que nos alertaram para a situação dramática em que o pequeno estava. Recebemo-lo, sabendo de toda a carga negativa que o seu breve mas doloroso passado acumulara sobre ele, com o objectivo de a neutralizar pela restituição na Família que somos, da Família que sempre lhe faltou — projecto que vai evoluindo bem ao ritmo próprio da Natureza que, como a Filosofia ensina, «não dá saltos». E vem agora o Tribunal, sem uma pergunta sobre o estado actual da criança e sobre o nosso parecer acerca da conveniência da medida que tem em mente, sem qualquer diligência prévia — vem decretar a entrega de uma criança com a desfaçatez com que se passa de

mão um objecto esquecido pendurado num cabide?...!

Nem a Casa do Gaiato (nem qualquer Instituição afim) é cabide — saiba-o o ditador da sentença com o conhecimento respeitoso de que a Instituição é credora; nem uma criança, para mais sofrida como esta, é objecto que se tire e ponha com a leveza proporcionada a um chapéu esquecido, como esquecido foi o Diogo os sete primeiros anos da sua vida. Mas agora que foi lembrado e está em memória, em primeiro plano, é que lhe «nasceu» uma prima para tomar conta dele, com a recomendação expressa na sentença judicial de que não se esqueça a tença a que ela tem direito pelo desempenho do encargo. Tudo isto à revelia da Obra que há mais de um ano o tem e contra a vontade confirmada da mãe que não está inibida do poder maternal.

O Márcio é um adolescente que está connosco há poucas semanas. Também ele «andava por lá» em vida airada e também de uma vizinha partiu o alarme.

Continua na página 3

Malanje

Reflectindo

NÃO se vê uma luzinha no fundo do túnel, cada dia que passa, mais escuro.

Onde a esperança acaba é terreno fértil de Fé... Vai custar passar o rio somente num pau roliço e escorregadio... Vamos tentar.

O Senhor pode mudar as agulhas para que o comboio da guerra vá ter a um deserto com dunas... Isso pode.

Os rapazes mais novos continuam a brincar descontraídos e felizes. O pum-pum não os assusta. Ainda bem.

O fogo da guerra tudo devora: Vidas sem conta, bens sem medida, direitos e deveres, sentimentos de justiça e de bom-senso e a noção dos verdadeiros valores.

Ficam cinzas onde todos os passos se empapam. Não há vencedores; somente vencidos na vastidão lunar.

Refugiados

SÃO inevitáveis os grupos de refugiados. Aos sinais de guerra, as pessoas fogem sem destino e sem qualquer objectivo.

De algumas cidades fogem para Luanda. Aqui, os responsáveis optam pelo mais fácil: Acampamentos em Viana.

Então e ali, surgem os movimentos solidários com suas ofertas e «televisão» a mostrar... Ofertas que são um lenitivo, longe de matar a fome a tanta gente. Todos ficam felizes: A televisão, os que dão os embrulhos e as crianças que dançam e batem palmas! Santas ilusões!

Seria óptimo que os responsáveis colocassem os acampamentos em zonas férteis e, sem guerra; e, com séria obrigação, orientassem os trabalhos.

«Quem não trabuca não manduca!»

A mão estendida é aviltante e indigna para um povo tão rico de terrenos generosos e férteis.

Padre Telmo

Festas

Lisboa

CÁ estamos nós. Um parto difícil!

Foi a escolha dos números... Foi o encontrar os actores adequados... Foram os horários para os ensaios... E, magno problema da nossa Casa: — Quem prepara as roupas?

As coisas estão a encontrar a sua forma, mas, meu Deus, tanto sacrifício!

Tudo isto porque vale a pena fazer as nossas Festas: Os Amigos gostam de nos ver, os nossos pequenos e grandes sentem o carinho com que são recebidos, a alegria contagia; e nós, apesar dos sinais evidentes da paixão, transportamos também em nossas vidas os sinais da Ressurreição. É o nosso caminhar.

10 de Abril — Sábado, 21.30 h, Salão de Festas da Casa do Gaiato, em Santo Antão do Tojal.

18 de Abril — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de Forte da Casa.

25 de Abril — Domingo, 15.30 h, Salão do Centro Paroquial de Santo António de Cavaleiros.

2 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Em Lisboa, junto ao Marquês).

8 de Maio — Sábado, 15.30 h, Cine-Teatro de Loures.

16 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de Torres Vedras.

23 de Maio — Domingo, Salão da Igreja Paroquial da Encarnação.

30 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de Rio de Mouro.

Continua na página 3

Moçambique

É na cidade que o conceito de família se desfaz

VEIO hoje a nossa Casa um numeroso grupo de adolescentes dos bairros de Mafalala e Aeroporto, filhos de famílias vulneráveis, como agora se diz, com quem trabalha a ONG francesa ESSOR, acompanhados já por adultos, do mesmo ambiente. É um programa de desenvolvimento comunitário como se depreende do timbre da carta que apresentaram. Lembrei-me logo do que disse Pai Américo: «Cada freguesia cuida dos seus Pobres». Sei que os nossos Padres da Boa Nova construíram, também ali, uma Escola frequentada por alguns milhares de crianças, mas tudo é pouco para o tanto que está por fazer.

Antes de mais é na cidade que o conceito de família se desfaz: A belíssima tradição africana alargada onde os avós e sobretudo os tios têm uma autoridade incontestada que se perdeu

em grande parte. As casas não oferecem comodidade nem espaço; as ruas são o vazadouro do lixo que demora a remover e grande parte do ano estão alagadas de água. Fora do tempo de Escola, se a têm, as crianças vão para longe à procura de espaços. E a família? Se existe no verdadeiro sentido,

sofre. Quantos pais têm vindo aqui, na esperança de um lugar para o filho que já passa dias sem aparecer em casa. No meio pequeno, onde quase todos se conhecem, onde os desvios de comportamento das crianças não passa despercebido, onde os pais vivem e convivem, parece mais fácil, que não é, atacar o mal pela raiz.

Há aqui um grande número de crianças sem pai. Ou porque este tem várias mulheres, ou porque vive na África do

Continua na página 2



Há aqui um grande número de crianças sem pai

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

A DISTRIBUIÇÃO DA RIQUEZA — Quem dá hoje o mote é a assinante 4456, da Covilhã:

«(...) A vossa Conferência também precisa duma lembrança que não é grande, mas é a que posso mandar agora. Só posso ajudar os Pobres com algum auxílio material, atendendo às minhas doenças, uma das quais me impede de andar (a não ser em pequenos percursos, mesmo muito pequenos) e à minha idade. Se todos os cristãos e, em primeiro lugar, os ricos, cumprissem..., teríamos um mundo completamente diferente. Mas nós adoçamos sempre o Evangelho, naquilo que ele tem de difícil!»

Ainda não há muito tempo, a propósito da «erradicação da Pobreza (melhor diríamos Miséria) em Portugal», o articulista dum periódico acentuava: «O fosso entre ricos e pobres em Portugal representa a maior disparidade de rendimentos em toda a União Europeia. Os dados do último relatório da Eurostat são inequívocos quanto à distribuição de riqueza no País: os 10% mais pobres concentram somente 2% do rendimento, ao passo que os 10% mais ricos concentram quase 30% do total da riqueza nacional. Perante o alargamento deste fosso, a delegação portuguesa da Rede Europeia Antipobreza, com sede em Bruxelas e delegações em todos os países da U.E., considera necessário 'requacionar o actual modelo de desenvolvimento que sem dúvida tem contribuído para o agravamento e produção de riqueza'. Essa necessidade — acrescenta o trabalho que citamos — é reforçada pelos indicadores do Relatório de Desenvolvimento Humano de 1998 das Nações Unidas, segundo o qual Portugal se encontra no 30.º lugar dos países industrializados, quanto aos padrões de desenvolvimento humano (atrás da Espanha, Irlanda, Itália ou Grécia). Mais um argumento para que a delegação portuguesa da REAPN (Rede Europeia Antipobreza) chame a atenção para a natureza estrutural da Miséria: 'As políticas de intervenção devem ser mais corajosas e tocar o epicentro dos problemas'».

PARTILHA — Cinco mil, da esposa do assinante 26927

que faleceu recentemente, «donativo muito pequenino que já deveria ter seguido pelo Natal».

A habitual ajuda do assinante 9790, de Perosinho (Vila Nova de Gaia), «por uma intenção particular».

Assinante 24851, de Algés — Lisboa, com mais «uma pequena contribuição para a Conferência».

Outro cheque, do casal-assinante 35161, «para o que os Pobres mais necessitem. Não precisam de agradecer nem mandar recibo. Oxalá que a oferta sirva de consolo a alguém para poder ter mais valor o meu sentimento de partilha, nesta época em que Deus nos aviva este sentimento (Tempo Pascal)».

Com o passo certo, e desde há muitos anos, aí temos a assinante 31104, de Lisboa: «À medida que o mês vai avançando, chega a ocasião de executar o que o meu coração manda: remeto o cheque para a Conferência, para os destinatários do costume, pensando nos que precisam e, em especial, nos que estão doentes. Envio, desta forma, o meu amor por aqueles que sofrem, procurando assim encontrar o caminho que conduz a Deus».

Votos de santa Páscoa!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

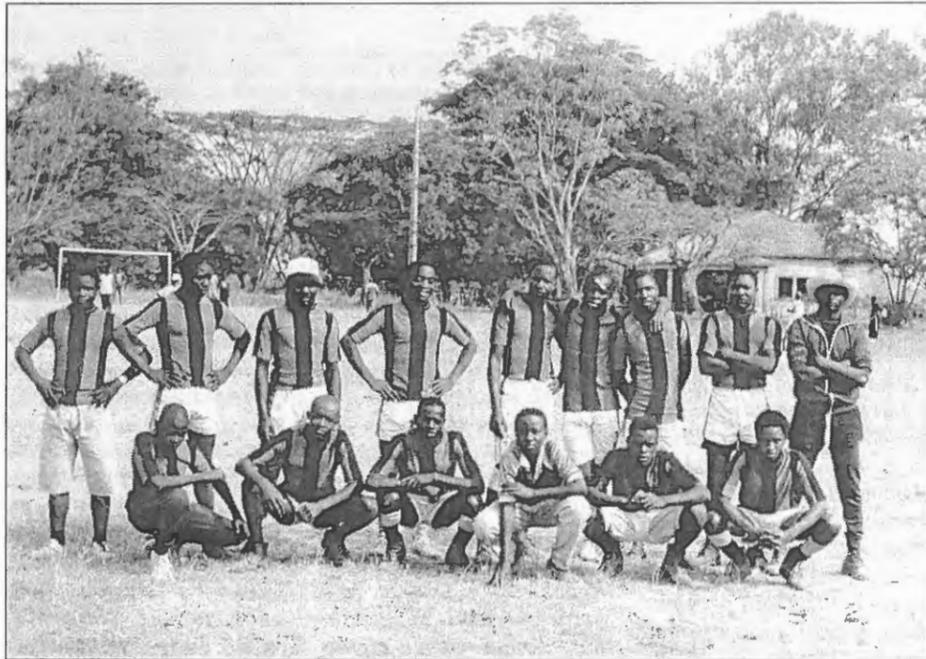
— Só agora nos é possível voltar a dizer alguma coisa, desde que fizemos um apelo para um dos nossos amigos que nos tinha passado pela porta a pedir roupa de cama.

É, pois, com bastante agrado, que registamos a pronta resposta com que fomos atendidos.

Passados poucos dias, depois da nossa crónica no «Famoso», recebemos um telefonema do nosso Lar, que nos dava conta de uma Senhora amiga que queria entregar a roupa de cama. Mas não era só isso. Esta amiguinha também queria saber da morada do casal de velhinhos, de quem tínhamos falado e que a deixou inquieta.

Damos graças a Deus por mais esta inquietação, pois mostra-nos que, afinal, ainda continua a haver quem se preocupe com o bem estar dos mais necessitados.

Soubemos, mais tarde, que esta amiga esteve na casa do casal. E, segundo parece, ele estava só, pois a companheira tinha ido à Ribeira arranjar



Os «craques» da bola, da Casa do Gaiato de Malanje.

qualquer coisita para comerem.

Mas isso não impediu que visse, com os seus próprios olhos, o Cristo partido ali presente, naquele nosso irmão.

Também soubemos que deixou a sua oferta. Temos a impressão de que nem sequer teve quem lhe agradecesse, pois a pessoa pouco ou nada fala. Com certeza que esta nossa amiguinha não esperava por isso, nem foi para isso que lá foi.

Mas temos a consolação de que, nessa noite, ela dormiu mais descansada, pois tinha acabado de ver Cristo. Aquele Cristo que morreu Mártir, despojado de tudo, caído por terra, nu, irreconhecível, coberto de sangue e ferido, violenta e dolorosamente assassinado.

«Senhor, onde é que te vi, roto e com sede?»

— «Aquilo que fizeres a um dos meus irmãos, é a Mim mesmo que o fazes...»

Chama-se a isto viver o Evangelho! Para quê leis? Para quê decretos? Está tudo no Evangelho! Abramos-lhe os nossos corações. E se O vivermos, Jesus viverá também connosco.

Quando lá fomos, a última vez, lá estava o casal. Ela a tentar dar-lhe a sopa, que ele dizia não querer. Estava todo molhado da cinta para baixo. A companheira, tinha-se esquecido de pôr a fralda. A filha tinha-lhe ido fazer a comida, e desandou. Não sabemos como irá ser quando ele ficar só.

Quando à roupa de cama que a senhora deixou no Lar, já fizemos entrega a quem dela necessitava e que muito agradeceu.

Muito obrigados em nome de todos os nossos amigos.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

PAÇO DE SOUSA

FESTA — Realizou-se, no Domingo de Páscoa, uma festa feita pelos nossos rapazes com a colaboração de um grupo de Cavaquinhos, de Vila Nova de Gaia.

Foi bonita e no fim houve uma merenda para todos os intervenientes.

VISITANTES — Agradecemos a todas as pessoas que nos visitaram e deixaram imensas coisas que melhoraram o nosso foliar.

ANIVERSÁRIO — Em 28 de Março um grupo de rapazes foram a Espinho para celebrar o aniversário do «Cantinho do Nicolau».

Um passeio sem acidentes, que decorreu na maior alegria.

Muito obrigado a O Comércio do Porto.

ESCOLA — Com as férias da Páscoa terminou o segundo e mais importante período escolar.

Esperamos que os nossos rapazes tenham dado a devida atenção aos estudos para que não surjam grandes decepções.

Acreditamos que as notas possam ainda melhorar, no terceiro período.

«Almeidinha»

Eu devo permanecer só

Eu devo permanecer só
No meio da solidão
Das planícies
Sem limites
A ouvir a minha voz!
Permanecer ausente de companhias
Interesseiras e fingidas,
Da multidão.

Eu devo permanecer só
Com a paz dos mortos
Nos cemitérios e morgues.
Já não há palavras
Nem atitudes acertadas
Capazes de calarem
O barulho das armas
E a podridão dos corpos.

Eu devo permanecer só
No silêncio dos espíritos,
Nas montanhas
A sentir a criação
E a beleza
Da Mãe-Natureza!
O meu coração
Livre, puro e pequenino,
Bate ao ritmo duma canção
De dor, dos sem sorte,
Dos sem mesa nem mantas.

Manuel Amândio

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Março,
65.900 exemplares.

Moçambique

Continuação da página 1

Sul e aparece uma vez por ano, ou porque deixou a primeira com os filhos quase criados e tomou uma segunda mais nova, ou até porque a mãe vai tendo pelos anos fora vários homens, nenhum assumindo responsabilidades.

Temos perto de nós um caso curioso. Ele ainda não tem vinte e três anos. Tem três mulheres, cada uma com seu filho. Vive em casa do pai, não assumindo assistência a

nenhuma. Morreu agora um dos filhos que tinha vindo parar ao nosso Centro de Apoio da Massaca por desnutrição seguida de tuberculose.

Não há pressão social de qualquer espécie para que este homem assuma os filhos, pela simples razão de que as crianças não contam. Se ele quiser casar com alguma delas, então, sim. Tem de cumprir os rituais tradicionais, fazendo ofertas a todos os adultos da família dela, o que normalmente não é acessível a

nenhum jovem. Daí que muitas uniões nunca serão legalizadas nem à face da família e muito menos da lei.

Moçambique assinou a Convenção Internacional dos Direitos da Criança, creio que há dez anos. E todas as crianças têm direito a um lar, aos cuidados dos seus pais, à educação, saúde e ambiente são. Têm direito a que se actue com justiça para as proteger. Parece poesia editada nos países ricos. Nos ritos de iniciação que ainda se prati-

cam, como momento sagrado de entrada no mundo dos adultos, se morre alguma é conservado segredo que nem os pais podem saber aonde é sepultado. Só lhes é entregue, como testemunho, a roupa que o filho vestia.

Quando os jornais trazem os grandes programas de desenvolvimento económico para este país, quem anda com os pés no chão a procurar levantar este Povo sobe às nuvens.

Mil graças a Deus pela generosidade de quantos vão alimentando a nossa esperança dando forças para o trabalho.

Padre José Maria

SETÚBAL

A Paixão do Senhor imprimiu-se de forma viva em nossos corações

ESCREVO para O GAIATO em Domingo de Ramos.

Durante a semana que passou, a Paixão do Senhor imprimiu-se de forma viva em nossos corações.

Na segunda-feira o Alexandre fugiu!... Nada o faria parecer. A sua mãe visitara-o mais ao irmão sem o nosso conhecimento, fizera-lhe mimos e dera-lhe dinheiro. Muito dinheiro.

O rapaz, de catorze anos, tem-se revelado sempre muito chegado a nós. É carinhoso. O ano passado sofreu connosco as sete fugas do irmão e algumas vezes dos dois irmãos!...

Todos os dias, de manhã, sai de carrinha para a Academia onde frequenta as aulas de dança e música. À tarde, vai para a escola, estudando no 5.º ano. Tem a obrigação de distribuir a roupa aos da casa 4, acumulando o cargo de sub-chefe.

Pareceu que nunca me tinha fugido um rapaz. Vai-se o sono e chega o desânimo. Quando o cansaço é muito, a fraqueza do homem aumenta. São os anos!... É o desgaste. Uma tristeza de morte! A gente fica sem acção. Só na Paixão do Mestre encontramos luz!...

À noite, Benjonson saiu do Lar sem ordem. Mais dores! Recado ao chefe: — Quando chegar que venha a pé e apareça-me antes das 11 horas.

Não dei pelo seu regresso. Cada dia, de manhã, é já um

peso que nos assusta. Temos de nos deitar.

Com comprimidos ainda se entra no primeiro sono. Mas é só o primeiro. Não há mais nenhum. A cama é apetitosa e simultaneamente repugnante.

De manhã não vi o rapaz. Nem na oração nem no refeitório. O coração rebentava dentro do peito. Tinha uma fome dizimadora nos olhos: — Queria vê-lo. Peguei na carrinha com os das oficinas e fui para Setúbal em busca dele. Nada!... Ninguém o viu...

Volto para Casa alvoroçado e pergunto a este e àquele:

— Não viste o Benjonson?

— Vi. Está ali em frente à capela!...

Apeteceu-me comê-lo!... Tal a minha ânsia!...

Contive-me. Ele não se apercebeu da minha alegria. Mais do que quando a gente acorda de um terrível pesadelo.

Fi-lo comer e levei-o, à aula, às 10,30 da manhã com palavras do mais vivo estímulo. As ilusões dos seus quinze anos tapam-lhe a inteligência da realidade. A gente sabe disso, mas nestas ocasiões esquece tudo!...

Envolto rapidamente nas inadiáveis ocupações do dia-a-dia, a ferida provocada pela fuga do Alexandre avivara-se. Nestas alturas afigura-se-me que só tenho um rapaz e é sempre aquele que foge. O Pastor

esquece as cem ovelhas e prende-se a uma que perdeu!... Como Deus sabe ler o coração dos homens!...

Na quinta-feira de manhã regressa o Alexandre com a mãe e a avó. «Que lhe batiam... Que os grandes lhe davam 'porrada'»...

— É verdade Alexandre? O rapaz acena que não.

— Não foste tu que batestes nos mais pequenos?

— Fui — disse, baixando os olhos.

Logo a fúria da avó e da mãe: — Fostes enganar!

Naturalmente que atalhei imediatamente àquelas pobres!

— Então queriam que o rapaz dissesse o contrário? Como justificava ele perante vós a sua fuga? Da Casa do Gaiato não se foge pelo mal que cá se faz, mas sim pelo mal que se provocou. O Alexandre bateu no irmão e no Tiago e fugiu!...

Levei-as comigo na carrinha para Setúbal. Havia festa de arromba dentro de mim. Mas disfarçava. Servir os Pobres e viver com eles, vale mais que ser senhor do mundo! Que felicidade, meu Deus!...

Ao princípio da tarde vejo chegar um carro da Guarda. Os rapazes estão alerta! Um carro da Guarda mexe com o seu íntimo.

Logo meia dúzia dos que limpavam a rua, me começam a chamar e a sugerir aos guardas que eu ia ali.

Na rua atendi os homens.

— Se eu tinha bens penhoráveis.

— Não, não tenho nada.

— Não tem ordenado?

— Não, nem eu nem outra pessoa que aqui dão a vida.

— Então de que vive?

— Da Casa do Gaiato.

— E não ganha nada?

— Não senhor. Nunca ganhei nada!

Os homens espantados sentiram-se deprimidos e começaram a explicar:

— É que temos aqui uma ordem do Tribunal!... E exibiam uns papéis a confirmar. Os três encolhemos os ombros. Eles foram-se e eu, à minha vida.

Passada uma hora e tal, voltam de novo.

Não sei porquê... Talvez para se despacharem mais depressa. Ao chegar tocaram o nó-nó-nim do automóvel.

Os rapazes deliraram. Assustados e matreiros vão à cozinha avisar a senhora:

— Está ali outra vez a bófia.

Humildes e correctos, os homens pedem desculpa. Que não era bem isso que o Tribunal desejava saber. Antes, se a Casa do Gaiato tinha bens penhoráveis.

Estive para lhes responder que possuía cento e trinta rapazes. Mas não. Os homens mereciam-me respeito. Que havia quatro tractores velhos, uma camioneta velha, duas carrinhas grandes e altas, mais um automóvel e também quarenta vacas.

Era por causa de umas custas que nos esquecemos

de pagar, cujo valor não ultrapassa os vinte contos.

Dizem-me que são procedimentos correntes daquelas instituições. Têm o poder de ordenar. Ainda bem, é necessário. Mas que o façam com respeito.

Não havia um officio a lembrar o pagamento da dívida? Não seria mais digno e mais respeitável? Não tem qualquer cidadão ou entidade o direito de se considerar inocente até que

se prove o contrário? Como é que então se penhoram os bens sem se saber se o devedor está pronto a pagar? Os homens e os carros do Estado não têm mais que fazer? O correio já não serve? Ou estamos numa situação ditatorial?

Ou se modificam os procedimentos ou caímos no ridículo.

Na próxima continuo o relato da semana, que este já vai longo.

Padre Acílio

Festas

Continuação da página 1

3 de Junho — Corpo de Deus, 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de Fanhões.

6 de Junho — Domingo, 15.30 h, Cinema da Lourinhã.

Padre Manuel Cristóvão

Coimbra

AS nossas Festas hão-de ser uma mensagem pós-pascal. Ao longo do mês de Maio, cada uma será uma romaria. Já sentimos os passos dos romeiros. São devotos de tudo quanto fez e deixou como desafio à fé de outros, o Padre Américo. É a multidão de Amigos da Obra da Rua nesta região do Centro que se prepara e mobiliza, abrindo os braços aos Gaiatos do Padre Américo e à sua mensagem de amor aos Pobres, tão necessária na sociedade em que vivemos.

1 de Maio — 21.30 h, Salão de Festas da Casa do Gaiato — MIRANDA DO CORVO.

9 de Maio — 21.30 h, Cine-Teatro da LOUSÃ.

14 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários da MEALHADA.

15 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de CANTANHEDE.

16 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de ANADIA.

21 de Maio — 21.30 h, Cine-Teatro de ARGANIL.

22 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TOMAR.

23 de Maio — 15.30 h, Teatro Académico Gil Vicente em COIMBRA.

30 de Maio — 15.30 h, Casino da FIGUEIRA DA FOZ.

10 de Junho — 13.30 h, Auditório do Instituto da Juventude, CASTELO BRANCO.

11 de Junho — 21.30 h, Cine-Teatro da COVILHÃ.

Apenas duas correcções: A Festa em Miranda do Corvo será no dia 1 de Maio e não no dia 24 de Abril como tínhamos anunciado no último «Gaiato». A Festa no Gil Vicente, em Coimbra, será às 15.30 e não às 17.30.

Esperamos o melhor acolhimento de todos. Os Rapazes estão com entusiasmo.

Padre João

Setúbal

A Casa do Gaiato — uma educação na vida e com a vida. É o tema da Festa 1999, em Setúbal. Com mais particularidades. O empenho dos rapazes nos ensaios. Eles os ensaiados passaram a ensaiadores dando assim relevo ao tema. Também as Festas com o trabalho cultural que realizam em cada um e produzem nos outros são parte da vida nas Casas do Gaiato. Uma Obra de Rapazes.

17 de Abril — 21.30 h, Grupo Popular Recreativo Cabanense, CABANAS.

1 de Maio — 21.30 h, Sociedade de Instrução Musical, QUINTA DO ANJO.

15 de Maio — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Palmelense «Os Loureiros», PALMELA.

25 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.

Padre Acílio

Continuação da página 1

Esta trouxe-o cá. Conversámos. Apercebi-me de que havia nele uma necessidade salutar de estabilidade e de ordem — um sintoma esperançoso. Naturalmente precisava de saber se a mãe comungava na vontade do filho e da vizinha.

Visitei-os. Expliquei-lhe a Família que somos. Depois, fez-me chegar uma carta com o curriculum do rapaz, formalizando o pedido de que o recebêssemos. Porém, como ele é já mocinho e bastante vivido, mais do que qualquer outra vontade é a dele que nos interessa. Combinámos que viria cá passar uns dias para observar e, após o regresso e um tempo de reflexão, seria ele a escrever-me dizendo o que resolvera. Assim aconteceu: veio, voltou e escreveu-me. Ainda assim, deixei passar uns dias sem resposta, durante os quais ele telefonou a perguntar a nossa decisão.

Cá está. Naturalmente, em tensão entre o engano de um vazio de obriga-

Histórias

ções (primeira lambidela, saborosa, em chiclette) que ele já experimentou, e a aspiração de uma vida com sentido, com normas e deveres e também uma meta apetecível de que ele manifesta intuição. Deus o guarde nesta luta e nos ensine a ajudá-lo.

Pois bem, agora que ele está cá, depois de vários meses de «andar por lá» sem ninguém lhe dar a mão, chega-nos uma «Nota de Notificação» do Tribunal de Menores, «mandando informar sobre a situação do menor — Prazo — dez dias».

Moral das histórias (e de tantas, semelhantes, que aqui poderíamos contar...):

1 — O desperdício de «chover sobre o molhado».

Ele há tantas crianças e jovens ao deus-dará de que os poderes não sabem que fazer-lhes e que enchem dossiers, montanhas deles sobre as suas secretárias! — porque vêm preocupar-se com os que já estão remediados?! Que espécie de interesse os motiva?!

2 — O estilo de «despotismo iluminado» com que se introneta e importunam quem está procurando remediar, sem outra tença que não seja a resposta a uma fome e sede de Justiça na linha em que os impele a sua consciência.

3 — Estas manifestações autoritárias aparecem a par de uma dramática anemia da Autoridade. Serão fruto? Serão causa? Serão escape? São, com certeza, caldo propício à cultura do Desrespeito.

Padre Carlos

ENCONTROS em Lisboa

Chegou a Páscoa...

É o seu tempo festivo. Diante dos nossos olhos, a Palavra de Deus faz-se ouvir com todos os testemunhos que nos vêm dos primeiros discípulos. Encantados a alegria do seu caminhar e parece-nos um sonho vê-los a transformar as suas vidas como se se tratasse de um novo nascimento. Habitados à opacidade do dia-a-dia a que chamamos realismo, nem queremos acreditar na novidade. Tornámo-nos desconfiados face à própria novidade, à possibilidade da alegria nascida no fundo do nosso coração, ao encontro com Alguém que nos faz dar a mão. Ficamos fechados e enclausurados no nosso «vale de lágrimas».

Podemos dizer que não nos faltam razões para desconfiarmos. Esperávamos que a política fosse serviço da Comunidade, atenta às soluções para os problemas dos homens e, de uma maneira especial, dos mais pobres e vemos que, de um momento para o outro, tudo se transforma em lutas de personalidades, esquecendo-se as grandes promessas e as grandes questões. Esperávamos paz na Europa, como exemplo para outros povos, e que essa paz fosse alastrando pelo mundo além. Ficamos surpreendidos com a incapacidade do diálogo e do respeito pelos Outros. Parece que nada aprendemos. A guerra rebenta com todo o seu cortejo de destruição, gastos astronómicos, mortes entre os pobres e mais desprotegidos, migrações em condições precárias. Os sonhos do coração humano sentem-se adiados e a maior parte das vezes traídos.

Gosto do relato dos companheiros de Emaús. Também eles sentiram esta opacidade do dia-a-dia, esta leitura dos dados

mais imediatos apontando para o insucesso do seu amigo Jesus. Decepcionados, com o coração apertado e o vazio nos olhos, partem para suas casas. Aqueles homens esperavam tantas manhãs de sol que entreviram nas longas noites de sonho a ouvirem o Mestre: os homens a tratarem-se como irmãos, a serem capazes de darem as mãos, a socorrerem os mais necessitados, a entoarem cânticos de alegria como os ceifeiros ao regressarem dos seus trabalhos. Tudo isto foi deitado por terra e não passou de uma miragem?

Precisaram que Alguém lhes abrisse os olhos para perceberem que Ele caminhava com eles. Curiosamente, mesmo antes de os seus olhos se abrirem já o coração tinha dado por isso. Sentia o calor: «Não é verdade que nos ardia cá dentro do peito o coração enquanto Ele nos explicava as Escrituras?»

Creio que é este o nosso problema. Não temos quem nos interprete os sinais e nos revele a novidade de um Deus-Jesus que caminha ressuscitado no meio das dores e alegrias dos homens, dos seus êxitos e dos seus fracassos, dos seus sonhos e das suas formas modestas de realização.

Há tempos, um dos meus miúdos, acabado de entrar no Liceu, dizia-me: «Os meus colegas são todos filhos de gente grande». Sentia grande alegria por estar com eles, por ter um lugar ao sol, o seu sonho de mergulhar num mundo que muitas vezes lhe pareceu inacessível, encantava-o.

Passado algum tempo, apareceu o desânimo. Não conseguia ter os amigos que desejava e os estudos estavam a ser difíceis. Tive muita dificuldade em explicar-lhe que a novidade não era os seus colegas de turma se fecharem e os estudos estarem a ser difí-

ceis. O mais importante é que ele tinha penetrado num mundo que lhe estava vedado e não estava preparado para o receber. A sua presença era ocasião para levantar questões ao sistema de ensino que exclui e poucas vezes apoia. A sua presença naquela escola levaria a encarar os seus problemas e a alargar o olhar para outros que não tiveram aí acesso. Olhou-me desconfiado.

As transformações sociais levam muitos anos. A rotina é como uma carapaça que

impede o novo de desabrochar e se expandir. Este tempo de Ressurreição é um tempo propício para deixarmos a planta crescer. No fundo do nosso coração deixemos que a chama arda e o nosso mundo sinta o seu calor. Sabemos que não é por cima que tudo começa, mas por baixo, pela tua e pela minha transformação. Ele caminha conosco abrindo-nos os olhos.

Padre Manuel Cristóvão

BENGUELA

A nossa missão é ajudar a tirar a pedra grande do sepulcro

ESTOU a escrever em Domingo de Ramos. Cânticos, aclamações, ramos levantados em sinal de júbilo. É a primeira parte. Muito povo, muitas crianças passam em grupos a caminho dos templos. Entretanto o meu coração está pesado. Tento levantá-lo ao contemplar os meus pequenos, descontraídos, batidos pelo sol muito quente de Março, de calções, à espera da praia. Multidões de crianças, adolescentes e jovens enchem as ruas da cidade, em direcção ao mar.

O meu coração está pesado porque vejo outras multidões de velhos e crianças, de mão estendida e não sei como fazer. Um punhado de farinha, que é para cada um? Hoje, de manhã, e todos os dias, mulheres e homens acorrem a pedir trabalho. Tenho medo de endurecer, sem dar conta, com os embates, a todo o momento. O campo está preparado, entretanto, para a grande sementeira do amor do Pai.

Estamos na Semana Santa. A dimensão pascal da vida dos cristãos e dos consagrados, como a minha, é posta à prova. Tenho consciência disso. Com os olhos postos na Cruz, somos capazes de levantar o coração pesado e ajudar a levantar o dos outros.

Há momentos recebi um telefonema da Susana a dizer que vinham dar a aula das segundas-feiras, do curso básico de higiene e outras coisas, às mães que trabalham no campo. Em momentos incertos, como este que nos é dado viver, a perseverança é o segredo que faz andar para a frente. Quem dera abundassem, tanto quanto fosse preciso, os cireneus dispostos a ajudar os caídos no caminho da vida, sem culpa, mas só porque não houve quem lhes desse a mão. É uma parcela da humanidade a desafiar a outra. É a parte mais fraca a pedir ajuda à que tem mais força. É a parte doente a estender a mão à que tem saúde. Quem pode ficar indiferente?

A guerra continua mais destruidora. Quem mais sofre é o povo inocente. As estradas, feitas para levar o sangue que dá a vida, transformaram-se em cemitérios. É o reino da morte com toda a sua fúria.

Mas a vida é a nossa grande paixão. Demos uma volta pelos bairros, em redor, e encontramos pequenas casas por cobrir. Foram quatro de uma só vez. Não há dinheiro que chegue para as chapas de lusalite. Voltámos para o capim. Demos conta, já o sabíamos, que muitos adolescentes, rapazes e meninas não tinham qualquer tipo de escolaridade. Que fazer? Não ficamos de braços cruzados. Vou tentar ajudar a resolver o problema. À nossa conta? E o Estado? O Estado tem como prioridade a defesa. Os adolescentes vão ficar assim? Não podem. Todo o investimento feito na educação é um jacto de vida. Vou sentar-me e ver como fazer.

Muitos doentes batem à nossa porta. Trazem receitas. São simples, mas o povo não tem dinheiro para pagar os remédios que estão nas farmácias. É um dilema: Se não há remédios, morrem; se há remédios, não têm dinheiro para os comprar. Que fazer? Dar-lhes a mão, até onde pudermos. A tuberculose, por exemplo, mete medo. Há um surto desta doença deveras preocupante. Estamos atentos, pois nos bate à porta também.

Angola, nesta hora, é terra dos Ramos, dos cânticos, das aclamações. Angola, nesta hora, é terra da Paixão e da Morte. Angola, nesta hora, está a caminho da Ressurreição? Ele há tantas pedras e pedregulhos que tentam impedir a Vida. A nossa missão, com os débeis braços que Deus nos deu e o coração sempre inclinado para o pecado, é ajudar a tirar a pedra grande do sepulcro em que a guerra teima em guardá-la.

Santa Páscoa!

Padre Manuel António

Património dos Pobres

Um dia de comunhão e de alegria

FIZEMOS a primeira paragem na sede da autarquia. O pároco estava a celebrar a Eucaristia e a presidir a um funeral. Esperámos e conversámos. Têm tido alguns casos de arranjos em habitações pobres, mas com os cristãos das paróquias e a ajuda da Cáritas têm dado solução.

Continuamos a nossa viagem. Na povoação combinada, o pároco das três freguesias estava à nossa espera. Seguimos e só parámos junto duma habitação, há anos à espera de ajuda para ser acabada, com a numerosa família que nesse dia a foi habitar. Estavam todos, só o chefe de família andava fora, a trabalhar. Foi um encontro de muita alegria! A casa estava arrumada. Os três quartos com as camas feitas. O do casal com cama nova, oferecida.

Levámos, de nossa casa, pacotes de bolachas e garrafas de sumo e foi tudo posto em cima da mesa da cozinha. Todos nos pusemos à volta e, na partilha, fizemos a inauguração.

Deixámo-los e visitámos a habitação da frente, que já tem outro aspecto com os interiores acolhedores. Já está habitada. Esteve abandonada muito tempo, mas, com nossa

ajuda e encorajamento, retomaram as obras e já lá vivem como seres humanos e filhos de Deus.

Retomamos a estrada e fomos parar a distância junto de habitação em ruínas cujos donos temos vindo a animar a fazer obras de restauro. Estavam ali presentes o presidente da Junta de Freguesia e o casal. Não contavam conosco.

O presidente começou por nos apresentar as obras já feitas. Ele tem acompanhado e oferecido materiais. Já fundiram duas placas em betão a unir as paredes exteriores com muitas fendas e já desunidas e fizeram paredes interiores a dividir. Faltam rebocos, portas e janelas. O telhado vai remediando.

O presidente da Junta tem preocupação com a habitação dos Pobres, tem procurado estar atento e tem ajudado. Declarou que vai continuar a ajudar.

Ficámos maravilhados com a acção deste presidente. Procura estar atento e ajuda a solucionar. Tem planos de acção. Tem alma e coração de autarca que o povo escolheu para servir. O testemunho deste homem inquieta-nos perante o imobilismo de tantos que o povo escolheu para servir e não servem.

Mais uma hora de caminho e chegamos onde nos esperavam. Dias antes, o casal ainda novo veio convidar-nos para a bênção da sua nova casa onde tínhamos ido há nove anos e os animámos e demos a nossa ajuda. Agora, com a bênção, fizeram festa com toda a família presente, com mesa posta e pão e vinho e assador a funcionar.

Regressámos a casa felizes pelos encontros daquele dia.

Padre Horácio

Habitação abandonada que agora tem outro aspecto



PENSAMENTO

O Pelicano morre exangue... por amor.

PAI AMÉRICO